

## **TECNOLOGIAS COMO INSTRUMENTO DE EMPODERAMENTO DA MULHER: RELAÇÕES DE GÊNERO E SUBJETIVIDADE**

Dantielli Assumpção Garcia<sup>1</sup>

### **DIZERES INICIAIS: UMA POSIÇÃO À MULHER<sup>2</sup>**

Neste trabalho, mobilizando a noção de *forma-sujeito* e *posição-sujeito* (PÊCHEUX, 1997a), pretendemos refletir sobre a emergência de uma posição-sujeito à mulher a qual se constituiu por sua relação com a tecnologia (“*Mulher Digital*”). Para a Análise de Discurso, a forma-sujeito é resultante do processo de incorporação e, ao mesmo tempo, da dissimulação, pela qual o sujeito se identifica com a formação discursiva que o constitui, absorvendo o interdiscurso no intradiscurso, de onde resulta a identidade imaginária do sujeito e, simultaneamente, os efeitos de intersubjetividade nos quais o sujeito se reconhece especularmente em outro sujeito. Já a posição-sujeito são as projeções em um determinado momento histórico-ideológico, no qual o sujeito enuncia-se. Sendo assim, nos diferentes momentos da história, podem-se ter diferentes formas-históricas do sujeito, isto é, a depender das conjunturas, ao formular seu dizer, o sujeito, interpelado pela ideologia, ocupará uma posição e sustentará seu discurso no interior de uma formação discursiva. Desse modo, tendo como condições de produção a contemporaneidade e, partindo da análise de notícias jornalísticas sobre a *Technovation*, publicadas em 2014 e que circularam na rede, mostraremos como as tecnologias funcionam como um elemento constituidor (seria um aparelho ideológico aos modos de Althusser?) do sujeito contemporâneo, em nosso trabalho especificamente da mulher.

---

<sup>1</sup> Pós-Doutoranda na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto (USP).

<sup>2</sup> Este trabalho faz parte de minha pesquisa de Pós-Doutorado *A Marcha das Vadias nas redes sociais: efeitos de feminismo e mulher* (FAPESP, proc. 2013/16006-8) realizada na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto sob a supervisão da Profa. Dra. Lucília Maria Abrahão e Sousa.

A *Technovation* é uma competição mundial para meninas em tecnologia. O programa foi criado em 2010 na Califórnia e em 2013 passou também a acontecer no Brasil. Tem como missão “mostrar para as meninas que elas podem criar e empreender na tecnologia, que elas podem e devem ser mais que usuárias”. O evento desafia meninas do Ensino Médio a criar, desenvolver e lançar um aplicativo móvel que resolva problemas em suas comunidades locais. Diante das notícias sobre a *Technovation* (nosso material de análise é composto por 14 notícias jornalísticas, a página do Facebook da *Technovation* e o site desse programa), inúmeros questionamentos surgem: (1) Que imagens de mulher digital, mulher das/nas tecnologias emergem nas notícias?; (2) Como uma memória sobre o que é ser mulher atravessa as questões de gênero e de tecnologias?; (3) Como a desigualdade de gênero é significada nas TIs (Tecnologias da Informação) de modo a fazer evidente certos efeitos e silenciar outros?; (4) Como compreender a formulação, a constituição e a circulação (ORLANDI, 2005) de um discurso da inclusão da mulher no mundo das tecnologias?, e, por fim, (5) Como a posição-sujeito Mulher Digital se constitui, fazendo com que a mulher se enuncie como detentora de um saber sobre as tecnologias e se identifique com a Formação Discursiva das TIs que a interpela? Para que tais indagações sejam respondidas, nosso trabalho divide-se em três momentos. No primeiro, refletiremos acerca das condições de produção de um discurso sobre o sujeito e suas relações com as tecnologias. No segundo momento, discutiremos como as relações de gênero podem ser definidas; para isso, discorreremos brevemente a respeito dos posicionamentos de Butler (2003) em torno dessa problemática. Por fim, no terceiro momento, analisaremos alguns recortes (ORLANDI, 1984) sobre a *Technovation*, refletindo sobre o processo de interpelação ideológica, por meio da tecnologia, e a constituição da posição-sujeito *Mulher Digital*.

Portanto, neste trabalho, intentaremos compreender como as tecnologias funcionam como dispositivo de empoderamento da mulher, constituindo-a em sua posição-sujeito Mulher Digital e marcando o que pode e deve ser dito sobre ela, mas também como instrumento em que as relações de gênero fazem-se tão presentes, inscrevendo o homem em uma posição de superioridade (já que há um sexismo no

ambiente de produção das TIs) em relação à mulher que sabe, entende e cria tecnologias.

## **SUJEITOS, TECNOLOGIAS E CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO: A MOBILIDADE NO CIBERESPAÇO**

Para a compreensão de um discurso é necessário levar em conta suas condições de produção. A proposição de condições de produção do discurso significa um gesto de ruptura epistemológica levado a cabo por Pêcheux (1997b, p. 79) em relação à teoria linguística de sua época, em que essa perspectiva estava representada pelo papel atribuído ao contexto ou à situação, como “pano de fundo específico dos discursos”. A análise dos processos discursivos suporia como uma das ordens de pesquisa o estudo da ligação entre as “circunstâncias” de produção do discurso – suas condições de produção – e seu processo de produção, o que configura todo o pensar pechetiano como uma teoria materialista do discurso. Assim, as condições de produção, tal como trabalhada na Análise de Discurso, considera fatores extralinguísticos na produção de sentido de um discurso, compreendendo, então, os sujeitos e a situação (o contexto de enunciação e o contexto sócio-histórico-ideológico).

No fim da década de 1980 e início da década de 1990, como analisa Dias (2012), vivenciou-se o surgimento do ciberespaço. Mesmo a primeira rede de computadores tendo sido formada em 1969, foi somente na década de 1980 que o novo movimento cultural – ciberespaço – atingiu uma dimensão mundial. Inicialmente, ainda na década de 1980, o acesso à rede era restrito, ficando sob o domínio militar, acadêmico e de algumas comunidades formadas em regiões específicas. Todavia, aos poucos, as redes foram se reorganizando e se expandindo pelo mundo. Com Dias (2012, p. 78), acreditamos que o ciberespaço torna-se, pois, fundamental para compreendermos a constituição do sujeito contemporâneo e sua relação com a tecnologia:

Já que o ciberespaço é um lugar criado pelo princípio técnico, com um fim técnico e que se expandiu pela necessidade de comunicação, de traço de informação, mas também pela necessidade de estar junto. A necessidade humana de estar junto, de suturar a falta gerada pela violência, pela

velocidade do mundo, pelo corre-corre diário, encontra na Internet um lugar possível para suspender o tempo (DIAS, 2012, p. 78).

No século XXI, com o desenvolvimento da computação móvel e das novas tecnologias portáteis (celulares, tablets, notebook etc.), atrelado à explosão da miniaturização, o que está em andamento é “a fase da computação ubíqua, pervasiva e senciente, insistindo na mobilidade. Estamos na era da conexão (...) entre homens e homens, máquinas e homens e máquinas e máquinas motivadas pelo nomadismo tecnológico da cultura contemporânea” (LEMOS, 2005, p. 02). A mobilidade, desse modo, na contemporaneidade não está relacionada somente a mover-se no espaço, mas sim no tempo, na rede, entre-nós. O que define a mobilidade, no século XXI, é a conectividade, “E essa conectividade tem a ver com os laços sociais e com os processos de identificação dos sujeitos. Estar conectado importa mais que estar junto num espaço físico” (DIAS, 2014, p. 52).

As tecnologias digitais produzem, desse modo, novas formas de individuação dos sujeitos com a abertura para a multiplicidade dos sentidos, sustentando contradições, desavenças, conflitos, reinventando formas outras de laço social, produzindo uma intersecção entre o mundo virtual e o mundo físico. Como mostraremos nas análises, na *Technovation*, a proposta é que meninas produzam aplicativos móveis, que busquem solucionar algum problema que afete a comunidade em que vivem. Nesses termos, algo que ocorre no mundo físico passa para o mundo virtual, na expectativa de que as tecnologias contribuam para a circulação e a resolução do problema. Há, de certa forma, uma fluidez das fronteiras entre o mundo virtual e o físico, constituindo, assim, uma outra forma de estar na rede e em contato com o outro. Anotamos que esse tema implica as ressonâncias da tecnologia não apenas sobre si mesma, já que os aplicativos desdobram-se em outros modos de ordenamento e uso da tecnologia, mas sobretudo apresentam efeitos sobre os temas do cotidiano, produzindo uma espécie de passagem do mundo da realidade para o mundo virtual por meio do discurso.

## **GÊNERO: UMA CONSTRUÇÃO CULTURAL?**

O conceito de gênero foi cunhado pelo psiquiatra Robert Stoller em 1968 na sua obra *Sexo e Gênero*. Nesse seu trabalho, o médico buscava descrever como as identidades são construídas a partir de uma articulação entre processos sociais, nomeação familiar e questões biológicas. Já, em Butler (2003), a desconstrução dessa noção e a proposta de que, na experiência de algo no interior do sexo, que não se submete totalmente às normas e identidades, a descoberta de que ter um gênero é um “modo de ser despossuído”.

Para a filósofa estadunidense (2003, p. 20), uma vez que nem sempre o gênero se constitui de maneira coerente e consistente nos diferentes contextos históricos e porque estabelece intersecções com modalidades raciais, classistas, étnicas, sexuais e regionais de identidades discursivamente construídas, é impossível separar a noção de gênero das intersecções políticas e culturais em que invariavelmente é produzida e mantida. Nas palavras de Butler:

O gênero não deve ser meramente concebido como a inscrição cultural de significado num sexo previamente dado (uma concepção jurídica); tem de designar também o aparato mesmo de produção mediante o qual os próprios sexos são estabelecidos. (BUTLER, 2003, p. 25, destaques da autora)

O gênero, para Butler (2003), não é nem um conjunto de significados culturais inscritos em um corpo, nem a interpretação cultural de um corpo sexuado, mas sim um conjunto de normas instituídas, mantidas, significadas e repetidas sobre o corpo que geram o corpo/sujeito culturalmente “viável” ou não. Essa definição de gênero permite à teórica defender o caráter ideológico de uma noção binária de gênero.

Nosso objetivo nas análises é perceber como as relações entre os gêneros se constituem, isto é, analisaremos como nas notícias jornalísticas há a sustentação de uma relação binária entre os gêneros (masculino/feminino) e um dizer que expõe o que é permitido à mulher no ambiente das TIs e as diferencia dos homens que entendem e criam tecnologias. As relações de gênero funcionam, no processo de constituição dos sujeitos, como uma memória que permite aos sujeitos se significarem e formularem seus dizeres, sustentando as possibilidades de dizer e deixando aberta a possibilidade de virem a ser outros. Na interpelação da mulher,

por meio do discurso das tecnologias, as relações de gênero estão em funcionamento e são essas relações que apontam para um sexismo no ambiente de produção das TIs, em que o homem ocupa um lugar de destaque, sendo necessárias ainda políticas e programas que incentivem a mulher a querer pertencer a esse espaço, a poder dizer sobre ele e a fazer circular seu dizer a respeito desse lugar que passará a ocupar.

## **A MULHER E AS TECNOLOGIAS: A CONSTITUIÇÃO DE UMA SUBJETIVIDADE**

Retomando a tese althusseriana “a Ideologia interpela os indivíduos em sujeito”, o pequeno teatro teórico da interpelação, Pêcheux (1997a, p. 141) aponta para o paradoxo pelo qual o sujeito é chamado à existência. Na formulação althusseriana, evita-se a pressuposição da existência do sujeito sobre o qual se faria a interpelação, isto é, na figura da interpelação ideológica, questiona-se o sujeito como origem e causa de si (sujeito único, insubstituível, igual a si mesmo):


O funcionamento da Ideologia em geral como interpelação dos indivíduos em sujeitos (e, especificamente, em sujeitos de seu discurso), se realiza através do complexo das formações ideológicas (e especificamente, através do interdiscurso intrincado nesse complexo) e fornece “a cada sujeito” sua “realidade”, enquanto sistema de evidências e de significações percebidas – aceitas – experimentadas. (PÊCHEUX, 1997a, p. 149-150, grifos do autor)

O assujeitamento, para a Análise de Discurso, é a própria possibilidade de se ser sujeito. essa é a contradição que o constitui: ele está sujeito à (língua) para ser sujeito de (o que diz). Desse modo, o sujeito se submete à língua significando e significando-se pelo simbólico na história. O sujeito da Análise de Discurso não é o sujeito empírico, tampouco pode ser quantificado em categorizações diversas, mas a posição-sujeito projetada no discurso.

Pretendemos observarmos, a partir desse momento, como se interpela a mulher, por meio da ideologia acerca das tecnologias e a partir de uma memória sobre as relações de gênero, para que esta ocupe a posição-sujeito *Mulher Digital*, se signifique e se identifique a partir dessa posição; identificação que resulta da interpelação do sujeito “cuja origem estranha é, contudo, ‘estranhamente familiar’” (PÊCHEUX, 1997a, p. 142).

Nosso primeiro contato com o programa *Technovation* foi por meio da página do Facebook da Marcha das Vadias de São Paulo que divulgava a criação de um aplicativo de combate ao *slut shaming* (termo usado para definir o ato de intimidar ou culpar uma mulher porque seu comportamento sexual se desvia das expectativas sociais para seu gênero). A partir da navegação na rede, chegamos à página no Facebook da *Technovation* e ao site do programa, no qual as equipes que se inscrevem na competição podem acessar mais informações sobre a *Technovation*.



No logo da *Technovation* (  ), temos o ícone de uma menina-mulher que chama outras meninas a programarem, dizendo “Programaê!”. Marcando uma interlocução informal, há o convite às meninas para que estas se inscrevam na competição e passem a ocupar a posição de programadoras/empreendedoras de tecnologias. A menina-mulher se enunciará da posição de mulher digital, mulher programadora e participará da *Technovation* com a criação de aplicativos móveis que buscam resolver problemas sociais (violência contra mulher, desmatamento, adoção de cachorros foram alguns dos temas de aplicativos desenvolvidos pelas meninas que participaram da *Technovation* de 2014); isso implica um outro lugar endereçado à mulher e atribuído por ela a si mesma, aquela que tem um saber sobre os problemas de sua comunidade, aquela que lança estratégias para resolvê-los e, por fim, aquela que empreende modos de intervenção na realidade social.

Na descrição da competição, traz-se um histórico do evento, além de dados estatísticos e inúmeros adjetivos, como que na tentativa de legitimar o programa e marcá-lo como algo grandioso e que trará sucesso para a menina que se inscrever. A menina é designada, inscrevendo-a em um discurso capitalista, como “meninas em tecnologias”, como “empreendedoras de sucesso”. Há o convite para que a menina comece a ocupar uma outra posição, daquela que é capaz de produzir tecnologia e ganhar prêmios. Na página do Facebook da *Technovation*, temos também essa chamada para que a menina ocupe a posição de mulher em tecnologia:



Figura 2: Página do Facebook da *Technovation*

Nessa imagem, vemos diversas meninas ou na frente do computador ou em volta de uma mesa, talvez em uma reunião. Na frente da tela do computador, inúmeros lembretes: *Mulher em TI*, *Compra em Mercado*, *Vício Digital*, *Transporte Público*, *Água*, *Frio*, *Acordar Cedo*. Acreditamos haver duas leituras para esses lembretes. Estes são atividades a serem pesquisadas pela menina que está diante do computador, talvez possíveis temas para aplicativos – já que a proposta da competição *Technovation* é a criação de aplicativos móveis – ou são atividades que a menina deverá realizar ao sair dali (compra em mercado, acordar cedo) ou sensações/emoções que esta tem (frio). Um lembrete que chama a atenção é o *Mulher em TI*. Seria necessário um lembrete para afirmar que a mulher ocupa um lugar no espaço de produção de tecnologias? Esse lembrete marca como o espaço de criação de tecnologias não é ainda um espaço ocupado por muitas mulheres. O lembrete é indispensável para recordar qual o lugar da TI é permitido à mulher ocupar.

Gostaríamos de trazer para análise alguns recortes da notícia jornalística *Tecnologia: isso também é para elas*, da Revista Fórum, publicada na página da *Technovation*. O título da notícia já indica um não pertencimento da mulher na área das TIs. O uso de *também* aponta que é necessário indicar o que é ou não permitido a “elas” (à mulher) em pleno século XXI. A notícia coloca que “a desigualdade de gênero na área de tecnologia e ciências da computação começa a incomodar no Brasil e no mundo” e, por isso, iniciativas e projetos como a *Technovation* são tão importantes como instrumentos para “empoderar meninas por meio da tecnologia” e



para “incentivar meninas e mulheres a enxergarem a tecnologia e as ciências da computação como um caminho possível”.

A notícia sustenta que há uma diferença (diríamos binária) de gênero que permeia o ambiente de produção de tecnologias. É em virtude dessa diferença que se cria o imaginário de que fazer TIs é algo permitido só a meninos: “Temos que dizer às meninas: ‘olha, tecnologia, engenharia e qualquer outra coisa que todo mundo diz que são só para meninos, vocês também podem’”. A proposta da *Technovation*, bem como das notícias jornalísticas<sup>3</sup>, é formular um outro dizer sobre a relação mulher-tecnologia, mostrando que a mulher é capaz de criar tecnologia, embora haja um discurso que intenta excluí-la desse espaço. Há uma memória sustentando que as tecnologias, enquanto um aparelho que funciona pela ideologia, é um espaço de pertencimento masculino, permeado por relações de gênero que acabam por excluir a mulher desse lugar. A *Technovation* e outros programas que buscam interpelar a menina-mulher para que esta se constitua como uma programadora tentam furar essa memória, inscrevendo a mulher nessa posição de *mulher digital*, de *mulher programadora* que não só usa tecnologia, mas que também a produz.

Na área das TIs, teríamos a constituição de mais um espaço de exclusão da mulher e, por isso, desenvolver tecnologias constitui-se como algo empoderador. A posição da *mulher digital*, da *mulher programadora* é constituída ao mesmo tempo em que a menina-mulher cria seu aplicativo móvel. O ato de criar um aplicativo é uma forma de empoderar a mulher e mostrar que ela pode e deve pertencer ao mundo das TIs, mais ainda, trata-se de uma posição diferente daquela tantas vezes sustentada pelo imaginário em curso de que mulher não sabe sobre tecnologia, desconhece o funcionamento das máquinas e vive em uma espécie de alheamento a questões da comunidade. Tal posição encerra um lugar diferente para o feminino, qual seja, em que é possível conhecer a tecnologia, dizer sobre um problema e lançar modos de resolvê-lo.

---

<sup>3</sup> Neste trabalho, só analisamos esses recortes, mas em todas as outras notícias jornalísticas essa mesma discursividade aparece.

## REFERÊNCIAS

BUTLER, J. *Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: civilização Brasileira, 2003.

DIAS, C. P. *Sujeito, sociedade e tecnologia: a discursividade da rede (de sentidos)*. São Paulo: Hucitec Editora, 2012.

\_\_\_\_\_. O sujeito e as mídias: a discursividade da educação. In: SILVA, A. P. de P.; SANTOS, L. I. S.; STRAUB, S. L. W. (Org.) *Educação e tecnologias digitais da informação e comunicação: discursos, práticas, análises e desafios*. Cáceres: Unemat Editora, 2014.

GARCIA, D. A.; SOUSA, L. M. A. e. Ler o arquivo hoje: a sociedade em rede e suas andanças no ciberespaço. *Conexão letras*. A noção de arquivo em Análise do Discurso: relações e desdobramentos, v. 9, n. 11, Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2014.

LEMOS, A. C. Cibercultura e mobilidade: a era da conexão. In: *Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da comunicação*. Rio de Janeiro, 2005. Disponível em: [www.intercom.org.br/papers/nacionais/2005/resumos/r1465-1.pdf](http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2005/resumos/r1465-1.pdf). Acesso em: 10 ago 2015.

ORLANDI, E. Segmentar ou recortar? In: GUIMARÃES, E. (Org). *Linguística: questões e controvérsias*. Serie Estudos, n. 10, Uberaba, Fiube, 1984.

\_\_\_\_\_. *Discurso e texto: formulação e circulação dos sentidos*. Campinas: Pontes, 2005.

PÊCHEUX, M. *Semântica e discurso*. Campinas: Unicamp, 1997a.

\_\_\_\_\_. Por uma análise automática do discurso. In: GABET, F.; HAK, T. *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Campinas: Editora da Unicamp, 1997b.